

Circuitos experimentais e alternativos de produção, instauração e circulação da imagem e do objeto

Alternative and experimental circuits for production, establishment and circulation of images and artistic objects

ALMERINDA LOPES

Universidade Federal do Espírito Santo (UFES) Vitória ES, Brasil

MARCO PASQUALINI DE ANDRADE

Universidade Federal de Uberlândia (UFU) Uberlândia MG, Brasil

RESUMO

Este dossiê sobre os estatutos da imagem e do objeto na arte contemporânea apresenta um conjunto de pesquisas realizadas por artistas atuantes nas décadas de 1960 e 1970 e seus possíveis desdobramentos nas práticas das últimas décadas, especialmente em relação aos circuitos alternativos de produção e circulação de obras e situações artísticas.

PALAVRAS-CHAVE

Circuito de arte, arte experimental, imagem, objeto.

ABSTRACT

This dossier on the statutes of the image and the object in contemporary art presents a set of research carried out by artists working in the 1960s and 1970s and their possible developments in the practices of the last decades, especially in relation to alternative circuits of production and circulation of works and artistic situations.

KEYWORDS

Art circuits, experimental art, image, object.

Após o conflito mundial da II Grande Guerra, no século XX, as principais potências mundiais passariam a disputar, a qualquer preço, a hegemonia pelo poder: político e econômico. A exacerbação da produção industrial e o aumento do consumismo, promoveram tanto rápida mudança nos hábitos e questionamento dos valores do passado, como grandes transformações sociais, econômicas e políticas, em todo o mundo. Nesse novo contexto, diminuíram também as distâncias entre os continentes com o desenvolvimento de meios de transportes e das novas tecnologias de informação e comunicação, aproximaram povos e culturas, que nas palavras de Marshall McLuhan, transformaram o mundo numa verdadeira “aldeia global”. Essa nova realidade, se por um lado gerava euforia, por outro também acarretava dúvidas e contestação, em todas as áreas, questionando-se, inclusive, a própria função da arte, seu caráter utópico e elitista, que a distanciavam da vida. Nesse cenário de questionamentos e transformações, surgiam também movimentos pela paz, por liberdade democrática, pela ampliação dos direitos civis, igualdade de gênero, quebra dos tabus sexuais, oposição ao poder patriarcal. Essas e outras reivindicações ganharam força entre jovens intelectuais, ativistas universitários, nas pautas dos movimentos hippie e feminista, culminando na contracultura.

Em meio a essa onda de contestação e rebeldia surgia o fenômeno da “desmaterialização” do objeto artístico (na conceituação de Lucy Lippard, 1966), que produziu a hibridização das linguagens, gerando mudanças na morfologia, na estética, na materialidade e nos próprios conceitos de arte e de artista. A questão central da arte deslocava-se da pureza, da “aparência” ou da “configuração visual”, para a ideia ou o conceito, muitas vezes de natureza político-crítica, em especial nos países latino-americanos que passavam por ditaduras. Essas mudanças modificariam também os modos de produção e de circulação das imagens e dos objetos artísticos. Assim, se concordarmos com Peter Osborne (2006), quando observa “que depois de Duchamp e, por sua natureza, toda a arte é conceitual”, talvez se possa relacionar a tal assertiva ao amplo espectro de novas proposições alternativas e experimentais, surgidas mais intensamente a partir da metade da década de 1960.

A chamada para o dossiê foi aberta, com o convite aos pesquisadores de aceitar o desafio de ampliar a discussão sobre as transformações e os novos estatutos contemporâneos da imagem nas artes visuais (fotografia, cinema, vídeo, holografia, processos digitais, entre outros), bem como os modos de sua inserção e circulação, em espaços alternativos, galerias, exposições efêmeras e portáteis, bem como pelo correio, internet e redes sociais.

Como resultado, foram selecionados seis artigos submetidos à revista, que exploram tanto aspectos históricos quanto práticas recentes de artistas e grupos de artistas contemporâneos.

Enquanto revisões históricas, são duas as contribuições: Paulo Ferreira de Carvalho Neto, mestre pela Universidade Federal de Uberlândia (UFU), apresenta o artigo **Flávio de Carvalho - Insurgências do corpo**, vinculado à sua dissertação de mestrado. No texto, o autor analisa as práticas performáticas do artista a partir da perspectiva da moda e do traje, trazendo novas ideias para reflexão de suas experimentações. Já Claudio de Melo Filho, doutorando na Universidade de Campinas (Unicamp), revê os grupos cinéticos da década de 1960 em **A rede dos grupos de pesquisa visual nas exposições Nova Tendencijs (1961-1973)**. O autor parte de certa resistência crítica contra as propostas que relacionam arte, ciência e tecnologia, descreve a participação do brasileiro Almir Mavignier e a formação de redes, e comenta a questão da inserção dos Computer Graphics na trajetória do grupo.

Os dois artigos seguintes refletem sobre o circuito artístico no Rio de Janeiro: Thiago Spíndola Motta Fernandes, doutorando na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), em seu texto **Circuitos heterogêneos de arte contemporânea no Rio de Janeiro**, faz um balanço sobre a teorização do circuito carioca desde a década de 1970, com Ronaldo Brito e Frederico Morais, passando pelas propostas de Ricardo Basbaum até o conceito desenvolvido por Newton Goto para o momento recente, quando artistas como Alexandre Vogler, com os grupos Atrocidades Maravilhosas e Zona Franca propõem estratégias coletivas e independentes de atuação. Por outro lado, Helena Eilers, também doutoranda na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), foca em um evento específico dentro do panorama traçado, no artigo **Mãos à obra: a invenção de Orplândia**. A exposição analisada pela autora ocorreu em 2001, proposta por Marcia X, Ricardo Ventura e Bob N, e ocupou temporariamente um imóvel fora do circuito oficial para construir um “parque de diversões” experimental e coletivo, ou uma “contraexposição” segundo a proposta de Michelle Sommer, citada no texto.

Para concluir o dossiê, outros dois artigos tratam dos circuitos no Rio Grande do Sul: Neiva Bohns, professora da Universidade Federal de Pelotas (UFPel), aborda a iniciativa de criação de uma galeria independente entre os anos de 2018 a 2020 por Chico Soll, em **Prego, lugar de experimentações artísticas e curatoriais**. A autora examina as curadorias realizadas no local, verificando suas diferenças em relação às exposições convencionais e as possibilidades de experimentação de temas e modos expositivos, e o legado do espaço alternativo. Finalmente, Viviane Gueller, artista e doutora pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), em **Cotidiano e presentificação**, parte da sua própria produção como um percurso pessoal no qual a “imagem-experiência” é ativada pela percepção dos fatos cotidianos experimentados no próprio local no qual as obras serão construídas, de modo a absorver fatos e sensações que serão convertidos em práticas artísticas.

Acreditamos que o resultado desse dossiê possa trazer reflexão sobre os rumos da arte experimental no mundo contemporâneo. Se por um lado as práticas pioneiras das décadas de 1950, 1960 e 1970 ainda necessitam de revisões e ampliação das pesquisas, encontramos grande interesse em relação aos desdobramentos de tais estratégias nos últimos vinte anos, mostrando como as conexões históricas são fundamentais para compreender como o experimentalismo pode resistir em meio à crescente institucionalização e codificação dos procedimentos artísticos, por mais radicais e questionadores que sejam.

Referências

LIPPARD, Lucy. **Six Years: The Dematerialization of the Art Object from 1966 to 1972**. Oakland – CA: University of California Press, 1997.

OSBORNE, Peter. **Conceptual art**. London: Phaidon Press, 2006.

Sobre os autores

Almerinda Lopes é Historiadora da arte, mestre em Artes pela Universidade de São Paulo e doutora em Comunicação e Semiótica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Professora Titular da Universidade Federal do Espírito Santo. Atua nos cursos de pós-graduação em Artes e em História da mesma Universidade. Realizou pós-doutorado em Ciências da Arte na Universidade de Paris I (2002) e Estágio-Pesquisa na École des Hautes Études en Sciences Sociales (EHESS), Paris (2014). Foi membro do comitê área de artes - CA-AC do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (2018-2021). É membro do Comitê Brasileiro de História da Arte (CBHA), da Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas (ANPAP), da Associação Internacional de Críticos de Arte (AICA), da Associação Brasileira de Críticos de Artes e do Instituto Histórico e Geográfico do Espírito Santo. Tem experiência na área de Artes, com ênfase em História da Arte, atuando principalmente nos seguintes temas: arte moderna e contemporânea, arte e política, fotografia, pintura abstrata, gravura, arte e crítica e arte conceitual.

LATTES: <http://lattes.cnpq.br/9256851494366703>

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5075-7843>

Marco Pasqualini de Andrade é Historiador da arte, mestre em Arquitetura e doutor em Artes pela Universidade de São Paulo. Professora Associado da Universidade Federal de Uberlândia. Atua nos cursos de pós-graduação em Arquitetura da mesma Universidade. É membro e atual presidente do Comitê Brasileiro de História da Arte (CBHA), e associado ao LASA — Latin American Studies Association e AAH — Association For Art History. Tem experiência na área de Artes Visuais, com ênfase em História e Crítica da Arte, atuando principalmente nos seguintes temas: arte contemporânea brasileira (Idécadas de 1960 e 1970), arte contemporânea internacional, arte na região do Triângulo Mineiro e entorno, crítica de arte, apresentação e curadoria de exposições de arte, história da arquitetura moderna e contemporânea.

LATTES: <http://lattes.cnpq.br/4236535095408406>

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8256-2407>

Como citar

LOPES, Almerinda; ANDRADE, Marco Pasqualini de (2021). Circuitos experimentais e alternativos de produção, instauração e circulação da imagem e do objeto. *Revista Estado da Arte, Uberlândia*. v.2, n.2, p.351-355, jul./dez. 2021. <https://doi.org/10.24036/estado-da-arte.v2n2.351-355>



Esta obra está licenciada com uma Licença Creative Commons
Atribuição-NãoComercial 4.0 Internacional.